

Memória e prestígio no espaço doméstico afro-romano: o suplício dos garamantes no mosaico de Zliten (séc. I-II)

Memory and prestige in the afro-roman domestic space: the torment of the Garamantes in the Zliten mosaic (1st–2nd centuries AD)

Belchior Monteiro Lima Neto*

Edjalma Nepomoceno Pina**

Artigo recebido em 29 de julho de 2025

Artigo aceito em 12 de junho de 2025

Resumo: Neste artigo, analisamos a representação da execução pública de garamantes no mosaico de uma *villa* próxima a Lepcis Magna. Argumentamos que este mosaico constituiu um artefato de memória para as elites locais, reforçando a percepção de triunfo sobre os considerados bárbaros e obscurecendo a relevância política, comercial e cultural dos garamantes, hoje reconstruída pela arqueologia.

Palavras-chave: Cultura visual. África Romana. Garamantes. Mosaico de Zliten.

Abstract: In this article, we analyze the representation of the public execution of Garamantes in the mosaic of a villa near Lepcis Magna. We argue that this mosaic functioned as a memory artifact for the local elites, reinforcing the perception of triumph over those deemed barbarians and obscuring the political, commercial, and cultural significance of the Garamantes, now reconstructed through archaeology.

Keywords: Visual culture. Roman Africa. Garamantes. Zliten Mosaic.

Introdução

Maurice Halbwachs (1990; 2023) foi pioneiro ao afirmar que toda memória individual é mediada por quadros coletivos, sendo continuamente reorganizada para manter o equilíbrio simbólico de uma sociedade. Seguindo um viés semelhante, Pierre Nora (1993, p. 27) elaborou o conceito de *lugares de memória*, que seriam lugares

* Professor Adjunto de História Antiga do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor em História pela Ufes e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção ES. Atualmente, executa o projeto *História e Arqueologia na África romana: novas perspectivas historiográficas a partir das escavações no Magreb e no Saara*, com financiamento da Fapes (Edital Universal n. 28/2022). Orcid - <https://orcid.org/0000-0003-4119-596X>.

** Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/Ufes), sob orientação do Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir/ES). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Código de Financiamento 001. Orcid - <https://orcid.org/0000-0001-6388-2475>.

físicos, simbólicos e funcionais, capazes de produzir “um recorte material de uma unidade temporal”, que evoca os ali presentes a uma lembrança concentrada e orientada. Esses lugares, que podem ser uma construção, uma obra de arte, um calendário, são resultado de um esforço deliberado de preservação, seleção e monumentalização do passado.

No contexto romano, como mostra Galinsky (2016, p. 7-15), a memória é mobilizada de forma intensiva pelo Estado, pelas elites e pelas comunidades locais por meio de monumentos, imagens, cerimônias e narrativas que moldam e manipulam o passado. Programas escultóricos e paisagens monumentais funcionavam como dispositivos de memória cultural, estabelecendo vínculos entre o presente e figuras fundacionais míticas. Nesse modelo, a memória materializada não é espontânea: é institucionalizada, formalizada e controlada por grupos de poder (NG, 2016, p. 243-240; ASSMANN, 2011, p. 2-6). Essa dinâmica se aplica igualmente à memória inscrita nos espaços domésticos das elites, na medida em que a *domus* aristocrática não constituía um espaço estritamente privado, mas sim um ambiente atravessado por zonas de visibilidade e exibição voltadas a convivas, clientes e demais frequentadores, configurando-se, assim, como um espaço semipúblico (THÉBERT, 1985, p. 347-354).

À vista disso, pretendemos, neste artigo, analisar a cena de execução pública de gármantes registrada em um mosaico da *villa* de Zliten, localizada próxima a Lepcis Magna, na antiga Tripolitânia. Propomos que a imagem, que retrata prisioneiros de guerra submetidos à *damnatio ad bestias*, não é um mero registro objetivo, mas um artefato de memória construído por membros das elites de Lepcis Magna para celebrar a vitória militar contra os gármantes em 69 d.C. (Tácito, *Hist.*, IV, 50). Os homens que são mortos por leões e leopardos seriam prisioneiros sobreviventes do conflito, executados no anfiteatro de Lepcis durante uma série de jogos celebrativos da vitória.

Como alerta Paul Ricoeur (2007, p. 455-459), a manipulação da memória produz esquecimentos. Assim, o mosaico opera uma dupla dinâmica: de um lado, conserva uma memória prestigiosa para o *dominus* da residência, possível financiador dos jogos, que também celebra a superioridade do corpo cívico de Lepcis, que triunfou sobre os invasores; por outro lado, também é reforçada a imagem dos gármantes como um povo bárbaro e submisso, contribuindo para apagar o papel desempenhado por eles na rede mediterrânea de trocas comerciais.

Por essa razão, começaremos a discussão por desconstruir essa caricatura, ao explorar os vestígios materiais que redesenham a agência histórica dos garamantes para além das referências literárias, enfatizando processos endógenos de urbanização, sistemas de irrigação e rotas transaarianas que atestam seu protagonismo como civilização complexa, contrastando com a memória preservada pelo viés latino.

Os Garamantes no Fezã

O Fezã, terra natal dos garamantes, é um território localizado no sudoeste da atual Líbia e fazia fronteira, na Antiguidade, com a região comumente denominada Tripolitânia, província romana que correspondia às terras a leste de Cartago e a oeste da Cirenaica. Em termos gerais, o território garamante era constituído por desertos e dunas de areia, sendo a agricultura e a vida sedentária apenas possível ao redor dos oásis, como os existentes nos três vales encrustados em declives montanhosos e abastecidos por aquíferos subterrâneos: o Wadi ash-Shati, o Wadi al-Ajal e o Wadi al-Nashwa. Nas cadeias de oásis do Fezã, as escavações realizadas nas últimas décadas evidenciaram uma complexa organização citadina, com a ocorrência de diversas aglomerações urbanas, que se distribuíam em torno de uma grande cidade nodal, Garama, representando, ao que tudo indica, o centro militar, administrativo e comercial da região. Gravitando em sua órbita de influência, estima-se a existência de uma série de composições urbanas menores e dependentes da metrópole regional,²¹ perfazendo um emaranhado de aldeias, fortalezas militares (*Qsur*), vilas abertas guarnecidas por *Qsur* e fortificadas com muralhas. Segundo projeções realizadas pelos investigadores do *Fazzan Project*, a população garamante alcançou, nos primeiros séculos da era comum, um quantitativo entre 50 e 100 mil habitantes (MATTINGLY; STERRY; THOMAS, 2013, p. 525-534).

O desenvolvimento urbano garamante no Fezã era tributário, sobretudo, de um sofisticado sistema de irrigação do solo, que garantia a ocupação do território e sua exploração agrícola intensiva. Nos oásis centrais próximos a Garama, o sistema que imperava era o dos *fogaras*, quer dizer, uma tecnologia de captação fluvial típica das regiões áridas no Mundo Antigo, baseada em túneis que drenavam o lençol freático,

²¹ Garama foi chamada de *metropolis* dos garamantes por Plínio (*Nat. Hist.*, V, 35).

utilizando a gravidade proporcionada por um declive no terreno (OLIVEIRA, 2020, p. 41).²² Os *fogaras* foram amplamente utilizados no Wadi al-Ajal, perfazendo um total de 617 canais com profundidade de até 40 metros, responsáveis por abastecer diretamente a rede urbana que gravitava Garama, assim como seus respectivos campos agrícolas adjacentes (MATTINGLY; WILSON, 2003, p. 37).

Os *fogaras* auxiliaram na manutenção de uma gama de culturas agrícolas no Fezã, destinada, ao que tudo indica, à subsistência da população local e de uma ampla mão-de-obra escrava utilizada na manutenção dos canais e poços,²³ assim como à exportação, como demonstram algumas ostracas descobertas no forte romano de *Bu Njem*, que fazem menção a muares pertencentes aos garamantes abastecendo com cevada a guarnição fronteiriça do *limes Tripolitanus* (MARICHAL, 1979, p. 451-452; OLIVEIRA, 2012, p. 185-186; WALAS, 2022, p. 50). Análises paleobotânicas realizadas pelos pesquisadores vinculados ao *Fazzan Project* descobriram uma produção agrícola diversificada, com destaque para uma produção que excedia consideravelmente as demandas da população local, especialmente aquela destinada ao cultivo de algodão, cevada, figueira, trigo, tâmara e sorgo, produtos que serviriam para abastecer de víveres as caravanas que demandavam o Fezã como ponto de apoio em suas jornadas transaarianas ou que poderiam ser comercializados através do Saara e alhures (MATTINGLY; WILSON, 2003, p. 37; MATTINGLY, 2011, p. 53).

A sociedade urbana e agrícola organizada pelos garamantes no Fezã estava intimamente relacionada e dependente das trocas comerciais. Os oásis espalhados por toda a extensão do Saara eram incapazes de se manter autonomamente, faltando-lhes diversidade de produtos agrícolas, metais e outros gêneros de primeira necessidade. Pode-se conceber o deserto como um mar de areia pontilhado por ilhas de fertilidade, sendo fundamental a sua conexão como uma forma de minorar as condições adversas à sobrevivência. Como destaca Scheele (2017, p. 55-57), as comunidades agrícolas e

²² Os *fogaras*, também conhecidos na historiografia como *qanat*, foram provavelmente inventados na Pérsia no início do I milênio a.C., difundindo-se, a partir do Egito, no século V a.C., para as demais regiões de clima desértico do Norte da África, como Fezã, Marrocos e Numídia (MATTINGLY; WILSON, 2003, p. 39).

²³ Dada a dimensão dos *fogaras* existentes no território garamante, vislumbra-se a utilização de mão de obra escrava de forma intensiva no Fezã, sendo tais cativos, em sua grande maioria, comercializados na África Subsaariana por sal, embora possa ter também ocorrido razias em busca de escravos, como observa Heródoto (*Hist.*, IV, 183) quando menciona que os "garamantes costumavam perseguir os trogloditas etíopes, em carros puxados por quatro cavalos".

pastoris se complementavam numa rede de mútua dependência, visto que os primeiros produziam gêneros alimentícios e serviam de postos caravaneiros, ao mesmo tempo que as trocas comerciais praticadas pelos pastores permitia o abastecimento de uma série de produtos necessários aos habitantes dos oásis. Em consonância com Oliveira (2020, p. 38-39), podemos conceber os garamantes como exemplo do desenvolvimento de uma bem-sucedida economia mista: agrária, comercial e pastoril.

Na Antiguidade, as redes comerciais espalhadas pelo Saara eram compostas, segundo a percepção de Wilson (2012), por subsistemas que se interconectavam e se complementavam: de curta, média e longa distância. Aproveitando-se da transumância de uma miríade de grupos nômades locais e da existência de inúmeros portos caravaneiros espalhados pelos oásis, as trocas fluíam em sentidos diversos, retroalimentando câmbios locais de pequena monta entre localidades próximas e interdependentes, trocas regionais que comunicavam regiões diversas, como, por exemplo, as que ocorriam entre o Fezã e os fortes romanos no *limes Tripolitanus*, e as que se realizavam a longa distância, conectando territórios distantes como o Saara, o Mediterrâneo, o Vale do Nilo e a África Subsaariana. Explorando os fluxos do comércio transaariano, os garamantes fortaleceram seu poder político e econômico a partir de uma localização estratégica no cruzamento de rotas que conduziam a regiões diversas. Garama, com grande probabilidade, se caracterizava como uma cidade fulcral nos tráficos saarianos, estabelecendo-se como o principal porto caravaneiro regional, recebendo, por conseguinte, tropas de animais de carga com produtos provenientes de inúmeras localidades, que utilizavam o Fezã como entreposto de descanso das caravanas, local de abastecimento de víveres e de água, assim como um importante posto de troca e recarga de mercadorias as mais variadas possíveis.

De fato, o território garamante se colocava como a via de comunicação mais curta e rápida entre a costa mediterrânica e o deserto do Saara, conexão comprovada pelos marcos miliários existentes na Tripolitânia e que despendia, entre Lepcs Magna e Garama, cerca de 20 dias de viagem (*Inscription of Roman Tripolitania*, 941-959; Ptol., *Geo.*, I, X). Em relação à África Subsaariana e ao Egito, as fontes greco-latinas nos informam acerca das relações estabelecidas por ambas as regiões com os garamantes. Claudio Ptolomeu (*Geo.*, I, VIII), ao narrar o episódio das expedições militares e diplomáticas de *Septimius Flacus* (89) e de *Julius Maternus* (98), indica

Agisymba (provavelmente o Lago Chade) como uma área de fácil acesso através do Fezã; e Heródoto (*His.*, IV, 181-185), no século V a.C., já fazia referência a uma rota de comércio que se iniciava nos oásis ocidentais próximos ao Vale do Nilo e, atravessando a terra dos garamantes, alcançava o rio Níger (LIVERANI, 2000).

Fruto, quicá, de uma bem-sucedida conjunção entre sofisticada tecnologia hidráulica de captação de água subterrânea, uma agricultura intensiva irrigada e uma posição geográfica privilegiada nas rotas transaarianas, Garama, sem dúvida, é uma das mais antigas manifestações da experiência urbana no deserto do Saara.²⁴ A cidade apresentava, ademais, um conjunto de atividades manufatureiras, executadas principalmente em sua periferia mais próxima, denominada de Saniat Jibril, onde foi encontrada uma série de artefatos que comprovam uma significativa atividade metalúrgica, de ferro, ouro e cobre, além de oficinas especializadas na fabricação de tecidos de algodão, colares e miçangas de cornalina e de casca de ovo de avestruz, fato que corrobora a favor da existência de uma mão de obra especializada e com produção voltada para trocas no mercado transaariano (MATTINGLY; HAWTHORNE; DANIELS, 2010, p. 123-204).

A capital dos garamantes também era a residência de um governante denominado pelas fontes antigas como “rei” (Plin., *Nat. Hist.*, V, 35; Ptol., *Geo.*, I, VIII; IV, VI, 12), informação que nos conduz ao seguinte questionamento: em que medida os garamantes constituíram um Estado no Fezã? Apesar da completa falta de evidências acerca das instituições, tipo de governo e organização política da sociedade garamante, a resposta parece ser positiva. A esse respeito, Mattingly e Sterry (2020, p. 711) ressaltam a compreensão de que o termo *rex/basileus* era geralmente reservado para indivíduos com *status* formal de governante de um Estado estrangeiro oficialmente reconhecido por Roma, fato que é corroborado, no caso dos garamantes,

²⁴ Os mais antigos assentamentos sedentários no Fezã remontam ao início do I milênio a.C., quando são atestados os primeiros sítios estáveis e fortificados nas elevações montanhosas do Wadi al-Ajal, mais especificamente em Zinkekra, num promontório, próximo à futura Garama, com acesso facilitado a fontes de água subterrânea, proporcionando recursos hídricos essenciais à sobrevivência num ambiente árido. O período proto-urbano no Fezã remonta à segunda metade do I milênio a.C., com o início da construção de habitações mais sofisticadas nas partes baixas da encosta em Zinkekra. A partir de 300 a.C., as terras mais elevadas do cume montanhoso foram abandonadas e as edificações no vale se espalharam, com predomínio da utilização de tijolos de barro e material lítico. Esse processo levou à emergência da cidade de Garama como centro urbano local, fato ocorrido, em grande medida, concomitantemente à introdução dos *foggara* no Wadi al-Ajal (MATTINGLY; STERRY; THOMAS, 2013, P. 510-511; MATTINGLY; WILSON, 2010, P. 525).

pelo envio de delegações diplomáticas à *Urbs* para tratativas de negociações de paz: a primeira, recebida por Augusto, por ocasião das campanhas militares de *Balbus* (20 a.C.) sobre inúmeros oásis saarianos; a segunda, em presença de Tibério, após a malsucedida revolta de Tacfarinas (14-27) (Tac., *Ann.*, IV, 26; Aurelio Vitor, *De Caesaribus*, 1, 7).²⁵

A emergência do Estado garamante, ao que tudo indica, está intimamente relacionada ao fortalecimento econômico e político da cidade de Garama, como centro de produção agrícola, manufatureira e do comércio caravaneiro regional. Dos oásis centrais no Wadi al-Ajal, é provável que a autoridade dos garamantes tenha se difundido e submetido as demais comunidades de oásis existentes no Fezã, vinculando-as, paulatinamente, às ingerências de um grupo de elite sediado em Garama. No ápice de seu poder, o Estado garamante possuía autoridade sobre um território de cerca de 250 mil km², o que requeria a organização de uma força militar considerável, representada, em grande medida, nas inúmeras figuras rupestres espalhadas pelo Fezã, com a representação de homens armados com lanças, escudos, montados a cavalo e guiando quadrigas, provavelmente utilizadas na caça de escravos na região subsaariana (MATTINGLY, 2003, p. 88-89; Hdt., *His.*, IV, 183).

Há que se ressaltar, ainda, a proeminência de um grupo dirigente sediado em Garama, responsável por comissionar a construção de inúmeros edifícios, templos e sepulturas de um eminente caráter monumental, fato que explicita o poder político de uma elite rica e com poderes suficientemente bem estabelecidos para exaltar, ademais, um consumo conspícuo de bens de luxo, a exemplo dos incontáveis vasos de vidro, joias e ânforas de azeite, vinho e outros produtos importados e de prestígio descobertos na capital dos garamantes. Tais elementos forçam-nos a conjecturar a favor da existência de uma dinastia governante em Garama sob o comando de uma entidade política centralizada, com considerável força militar e no controle de uma população numerosa e de uma vasta região.

²⁵ Plínio (*Nat. Hist.*, V, 36-37) descreve o *triumphus* comemorado em Roma por *Cornelius Balbus*, em 19 a.C., apresentado um cortejo triunfal em que foram listadas inúmeras *oppida* (cidades) conquistadas pelo general romano em suas expedições militares no interior do norte da África, especialmente no Fezã e nos oásis de Cidamus, al-Jufra, Nefzaoua e Jarid, respectivamente nos atuais oeste e leste da Líbia, sul da Tunísia e sudeste da Argélia. A atuação militar de *Balbus* e de outros generais romanos, cujos triunfos *ex Africa* também foram comemorados entre 34 e 21 a.C., evidenciam claramente um ato de expansão territorial romano nos oásis setentrionais do Saara.

Os garamantes no mosaico da *villa* de Zliten

A despeito da complexidade da sociedade garamante revelada pela cultura material, os romanos nutriam para com eles um profundo sentimento de superioridade civilizacional, que, muitas vezes, se traduzia em discursos. De modo geral, garamantes, macae, nasamones, trogloditas e outras populações do Saara tinham sua diversidade reduzida ao estereótipo estigmatizante do líbio rudimentar, sem cultura, de comportamento excessivamente beligerante, covarde, e, por vezes, com corpos retratados de forma deformante ou bestializante.²⁶ Autores como Tácito (*Hist.*, IV, 50) também enquadravam esses povos como *latrones*,²⁷ insistindo em uma suposta inviabilidade de convivência com os romanos. Contudo, como já demonstramos, as evidências arqueológicas apontam em outro sentido: garamantes mantinham contatos comerciais frequentes com as cidades da Tripolitânia, atuando como verdadeiros mediadores comerciais entre as *civitates* da costa mediterrânica e o mundo subsaariano.

Ainda que a ampla maioria das referências aos garamantes provenha da tradição literária, há pelo menos uma representação visual que a historiografia convencionou tratar-se desse povo, proveniente da *villa* de Zliten, localizada próxima a Lepcis Magna. Na Antiguidade, Lepcis, juntamente com Oea e Sabrata, davam à região o nome de Tripolitânia. Fundadas por volta do século VI a.C., essa tríade tinha

²⁶ Na Antiguidade, o termo "Líbia" designava, de forma ampla e muitas vezes imprecisa, as regiões situadas a oeste do Egito e ao sul do Mar Mediterrâneo, estendendo-se pelas áreas hoje conhecidas pelos países Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos. Para os antigos, por outro lado, tratava-se de uma categoria geográfica e étnica que reunia um conjunto diverso de populações. Heródoto (*Hist.*, IV, 145-205) foi o primeiro a sistematizar essa distinção, dividindo a Líbia em três zonas: a faixa costeira, habitada por povos helenizados e púnicos; a zona intermediária, marcada por uma convivência entre sedentarismo e nomadismo; e o interior desértico, habitado por grupos considerados bárbaros ou mesmo inumanos. Essa classificação foi retomada e amplificada por escritores latinos, que se referiam aos "líbios" como um conjunto que incluía os garamantes,

²⁷ Para os gregos, *latris* foi um substantivo para mercenário, aquele que vende sua força de combate. No contexto romano, a palavra latina *latro* alargou o significado, abrangendo aqueles que praticavam o *latrocinium*, isto é, o ato de pilhar, em companhia de um bando e mediante uso da violência. Por estar associada a uma prática, e não a um grupo social específico, os *latrones* poderiam apresentar diferentes perfis, fossem escravos fugitivos, soldados, desertores, pastores ou *nationes* autóctones do Norte da África (LIMA NETO, 2014, p. 76-77).

origem púnica, porém, posteriormente, foram romanizadas e incluídas no Império Romano (MATTINGLY, 2005, p. 116-135).²⁸

A elite de Lepcis, de onde os habitantes da *villa* de Zliten provinham, usufruíam de oportunidades comerciais possibilitadas pela sua posição estratégica, que punha a cidade como um porto natural entre Cartago e o Egito, assim como entre o Mediterrâneo e as caravanas que vinham do Sul com peças de cornalina, animais exóticos e escravos (LIMA NETO, 2020, p. 177). A *villa* foi erguida sobre uma falésia com vista para o mar, numa região permeada por oásis que favoreciam a instalação de estruturas que serviam como unidade de produção agrícola, ou, o que parece ser o caso de Zliten, atuavam como refúgios para o lazer dos senhores (KENRICK, 2009, p. 150).

Portanto, estamos tratando de uma elite que, por volta do século II, se apresentava como profundamente enriquecida e integrada ao mundo romano, o que podemos observar pela grandiosidade arquitetônica da *villa*, pela sofisticação dos mosaicos e pelos temas escolhidos para as imagens. Escavado inicialmente entre 1913 e 1914, esse sítio arqueológico destacou-se justamente pela complexidade da decoração musiva, atualmente preservada no Museu Arqueológico de Trípoli, na Líbia. A *villa* apresenta uma combinação de estilos que indicam ocupação e remodelação até o início do século III, contudo, no que diz respeito ao mosaico que analisaremos, estudos recentes apontam para sua confecção entre os séculos I-II (PARRISH, 1985, p. 137-147).²⁹

²⁸ Entendemos a *romanização* como um movimento dialógico entre a cultura promovida por Roma e as tradições locais da bacia do Mediterrâneo, como as das cidades de origem púnica do norte da África. No caso africano, as elites da região frequentemente almejavam a cidadania romana e a elevação do *status* de suas cidades, o que significava um alargamento de oportunidades políticas e econômicas por meio da integração ao Império. Como consequência, viu-se uma apropriação, a nível local, da língua latina e da *paideia* greco-romana, além do modo de vida citadino, as festividades religiosas públicas e a própria transformação do espaço urbano à luz do modelo de Roma, com a construção de teatros, anfiteatros, circos e termas. Por outro lado, a permanência de certas tradições locais, o bilinguismo púnico-latino e a preservação de nomes de clãs autóctones indicam o desenvolvimento de identidades multifacetadas, além de uma absorção seletiva e direcionada da cultura romana (HUSKINSON, 2000, p. 25-28; LIMA NETO, 2016, p. 126-130).

²⁹ A construção distribui-se em dois setores principais. A ala oeste abriga o bloco residencial, estruturado em torno de um longo corredor colonado com mais de 45 metros de extensão, originalmente aberto ao norte para um terraço com vista para o mar, depois murado com janelas entre as colunas. No extremo norte dessa ala, encontra-se uma cisterna abobadada, localizada sob um possível pátio ajardinado, com duas bacias semicirculares revestidas de mosaico situadas ao sul. Os ambientes de recepção distribuem-se ao longo da face sul do corredor, incluindo salas com pavimentos, mosaicos geométricos e figurativos. Um pequeno corredor conduz a outros ambientes, entre eles uma escada e, a seguir, um conjunto que inclui uma sala decorada com emblemas agrícolas, anexa a uma fonte com sete jatos decorada com

O cômodo onde estava localizado o mosaico que representa a execução pública de gárgamalas não possui uma função clara, tendo em vista a parcialidade das escavações. Isso não impediu, contudo, que autores como Tuck (2014, p. 443) afirmassem se tratar de um ambiente de recepção, talvez até mesmo um *triclinium*, justamente em razão da riqueza do mosaico ali encontrado e sua função de afirmação do prestígio do *dominus*. Um investimento de tal natureza certamente não seria escondido dos olhos dos visitantes, o que condiz com a sua localização na planta da residência: o cômodo estava situado no perímetro arquitetonicamente mais prestigiado, acessado por um corredor especialmente decorado.



Figura 4: Mosaico do Anfiteatro de Zliten.

Fonte: *Romano Impero*. Disponível em: <https://www.romanoimpero.com/2018/03/villa-zliten-tripolitania.html>. Acesso em: 15 jun. 2025.

O mosaico apresenta uma composição retangular de 5,73 por 3,97 metros, dividida em três zonas distintas. A moldura externa, em preto e branco, é formada por padrões geométricos executados em *opus tessellatum*. No interior, um friso contínuo percorre os quatro lados de um quadrado central e exhibe, em *opus vermiculatum*,

mosaico nilótico, além de uma sala em quadrante, pavimentada com um mosaico marinho. A parte oriental da *villa* inclui um segundo pátio retangular pavimentado de mosaicos, sob o qual há outra cisterna com abóbada. A leste do pátio, encontra-se o edifício termal, composto por salas curvas e decorado com mosaicos de temática marinha, incluindo representações de divindades aquáticas e peixes (KENRICK, 2009, p. 150-151; WILSON, 2018, p. 294).

cenas relacionadas ao anfiteatro: caçadas a animais selvagens (*venatio*), execuções públicas por meio de feras (*damnatio ad bestias*) e combates entre gladiadores (*munera*), e um grupo de músicos. Portanto, a execução de prisioneiros em questão parece ter composto uma celebração mais ampla, compreendida por uma série de espetáculos ocorridos no anfiteatro de Lepcis, posteriormente representado neste que é considerado o mosaico romano mais abrangente no que diz respeito à diversidade de atividades anfiteatrais retratadas em um único pavimento.³⁰

A despeito das diversas possibilidades de análise do pavimento, buscamos focalizar nossa observação para um trecho específico que diz respeito a uma cena de *damnatio ad bestias*, isto é, a execução de prisioneiros no anfiteatro, jogando-os contra animais selvagens.³¹ Essa prática combinava punição legal e exibição pública, reforçando o poder do Estado por meio da espetacularização da morte de criminosos e inimigos de guerra (COLEMAN, 1990, p. 44-73).³²

A hipótese de que os prisioneiros representados seriam garamantes baseia-se numa associação com um relato de Tácito (*Hist.*, IV, 50) sobre uma ofensiva garamante contra Lepcis Magna, ocorrida em 69 d.C. Na ocasião, as cidades de Lepcis e Oea entraram disputa, e esta última buscou o apoio militar dos garamantes para compensar sua inferioridade numérica. A investida, contudo, foi reprimida por tropas

³⁰ A parte central do mosaico, geralmente negligenciada em detrimento da riqueza de informações contidas nas bordas da composição, é formada por uma iconografia alternada de quadrados de mármore e medalhões figurativos, estruturando visualmente o espaço em módulos de aproximadamente 45 cm. Os painéis quadrados, executados em *opus sectile*, são compostos por fragmentos de mármore colorido recortados e justapostos, formando padrões geométricos aninhados. A diversidade cromática e a disposição dos materiais, em sua maioria reaproveitados, indicam uma intervenção tardia em relação ao restante da sala. Esses emblemas, realizados em *opus vermiculatum*, contêm representações de peixes inseridos em medalhões com fundo neutro. A precisão iconográfica dessas imagens permitiu, ainda no século XX, que fossem submetidas à análise de ictiólogos e pescadores da região de Trípoli, que conseguiram identificar algumas espécies representadas (CAGNAT, 1924, p. 97-98). Isso sugere um grau elevado de realismo e atenção aos detalhes por parte dos mosaicistas.

³¹ Essa modalidade de pena capital era aplicada a crimes considerados graves, como parricídio (*Digestum*, 48, 9, 9), traição (*Dig.*, 48, 4), incêndio criminoso (*Dig.*, 48, 19, 28), *maleficium* e deserção (*Dig.*, 49, 16, 5), e, posteriormente, passou a ser empregada também contra cristãos, enquadrados como inimigos do culto oficial (*Plí.*, *Epistulae.*, 10, 96).

³² A morte pelas feras era uma maneira eficaz de reforçar a superioridade romana contra inimigos externos, como fez Cipião com alguns soldados cartagineses em 146 a.C., ou como relatado por Suetônio (*Aug.*, 43, 1), segundo o qual Augusto fez com que prisioneiros de guerra fossem executados em jogos públicos, muitos deles por meio de combates com animais (GIUDICE, 2008, p. 371). Acreditamos que a *damnatio ad bestias* que inspirou o mosaico em questão está alinhado à lógica de exibição do poder imperial.

imperiais, que libertaram Lepcis.³³ A proximidade cronológica com a composição do mosaico levou Cagnat (1924, p. 100-102) a propor que se trataria de prisioneiros garamantes sobreviventes, interpretação que tem sido considerada plausível pela historiografia (BLÁZQUEZ, 1962, p. 56; PICARD, 1985, p. 239; PARRISH, 1985, p. 152).

Outro ponto que indica os executados como estrangeiros é a aparência física que o mosaicista atribui a eles. Na cena a seguir, em que um homem é empurrado a chicotadas contra um leão, nota-se a pele escura, cabelos crespos e ausência de trajes típicos romanos, sendo perceptível apenas tecidos rústicos cobrindo as genitálias, o que enquadra a figura representada no arquétipo construído pela tradição literária.



Figura 5: Cena de *Damnatio ad bestias*.

Fonte: *Wikimedia Commons*. Disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/2c/The_execution_of_the_Garamantes_in_the_Amphitheater_of_Lepcis_Magna.jpg/640px-The_execution_of_the_Garamantes_in_the_Amphitheater_of_Lepcis_Magna.jpg. Acesso em: 15 jun. 2025.

A aparência física dos povos africanos, especialmente dos garamantes, é mencionada com frequência por autores romanos. Sílio Itálico (*Pun.*, III, 280) faz referência aos cabelos encaracolados dos líbios, enquanto Arnóbio de Sica (*Adv. Nat.*, 6, 5) descreve os garamantes como *furvi*, isto é, de tom amarronzado ou negro-opaco, similar à poeira.³⁴ Ptolemeu (*Geo.*, I, 9), por sua vez, observa que os garamantes, por

³³ A aliança feita por Oea resultou em sua responsabilização pela guerra contra Lepcis, o que levou à punição da cidade, refletida no atraso de seu *status* político em comparação à rápida ascensão de Lepcis Magna, promovida a *municipium* entre 74 e 77 d.C. (MATTINGLY, 2005, p. 203).

³⁴ *Aethiops* era o termo mais comum para se referir a pessoas negras, significando, literalmente, "rosto queimado pelo sol". Contudo, outras expressões também cumpriam essa função, assim como *afer*,

habitarem regiões menos meridionais, seriam apenas “moderadamente negros (*nigri*)”, sugerindo uma gradação de cor associada à posição geográfica.

A vestimenta, ou a ausência dela, também eram notados pelos autores latinos. Sílio Itálico (*Pun.*, I, 410; II, 60; XVIII, 480) se refere aos garamantes como “líbios de roupas folgadas”, com “capacetes de chifres”, mas que enterravam seus mortos nus na areia. Por sua vez, Pompônio Mela (*Cor.*, I, 7) observa que os chefes líbios usavam sarjas de lã, enquanto o povo comum se vestia com peles de animais ou trapos, acrescentando que os gafasantes andavam completamente nus.

Outros autores vão além da vestimenta e do tom da cor da pele e atribuem características semi-humanas àqueles que habitam o interior africano. Apuleio (*Met.*, IV, 8) compara os *latrones* das regiões desérticas a criaturas híbridas, meio homens, meio animais, similar à percepção de Sílio Itálico (*Pun.*, XI, 180), segundo o qual os garamantes são “cruéis, com costumes semelhantes aos das feras”. Esse tipo de configuração imagética reaparece nas obras de Pompônio Mela (*Cor.*, I, 23; 48) e Plínio, o Velho (*Nat. Hist.*, V, 45–46), que relatam a existência de homens-cabra, sátiros e blêmios, estes últimos descritos como criaturas sem cabeça, com olhos e boca no peito. No contexto imperial, a visão do corpo estrangeiro como grotesco reforçava, por meio da representação estética, a distância cultural entre romanos e não-romanos. Quando prisioneiros de guerra eram submetidos a *damnatio*, essa discrepância visual era então materializada.

Outro marcador visual que merece atenção é a forma como o sangue é disposto nas cenas de execução de líbios. Na representação iconográfica de gladiadores, o sangue raramente é representado no momento da execução dos vencidos. Ainda que esses corpos sejam abatidos diante do público, a iconografia tende a preservar certo decoro, omitindo os efeitos físicos mais brutais da morte.³⁵ Quando o sangue aparece,

indus, *maurus*, *niger* e *decolor*, dependendo do tom da pele descrito (BENITO LÁZARO; ESPAÑA-CHAMORRO, 2015, p. 2177-2186). Michiel Van (2008, p. 252) sugere que o termo *furvus*, empregado por Arnóbio, é uma derivação de *fuscus*, gramaticalmente mais adequado para descrever pessoas, significando, literalmente, “pele negra”.

³⁵ Nos mosaicos romanos, é comum que a execução do vencido seja marcada por certa solenidade: o corpo se curva de joelhos ou de costas, pronto para receber o golpe, mas o sangue está ausente. Essa escolha visual responde a uma lógica simbólica e econômica: financiadores dos jogos arcavam com maiores custos quando gladiadores eram mortos ou gravemente feridos. Além disso, as inscrições funerárias dos próprios gladiadores evidenciam um código de honra que valorizava a técnica, o autocontrole e a habilidade de vencer sem mutilar. Alguns se orgulhavam de poupar seus adversários. Os mosaicos corroboram esse ideal: mais do que corpos em sofrimento, celebram corpos treinados,

ele está geralmente associado ao momento do combate em si, funcionando como símbolo de bravura e de intensidade da ação (COLEMAN, 2019, p. 25-30). Isso ocorre porque o sangue no momento da execução estaria associado à humilhação.

Essa contenção não se aplica, no entanto, às representações de *damnatio ad bestias* e das mortes de animais nas *venationes*. No mosaico de Zliten, um gármante é devorado vivo por um leopardo, com sangue escorrendo de feridas abertas, como se vê na parte frontal de suas coxas, nas quais as patas traseiras do felino estão fincadas (Figura 6). Desta forma, os prisioneiros são equiparados a animais que sangram e agonizam na arena.

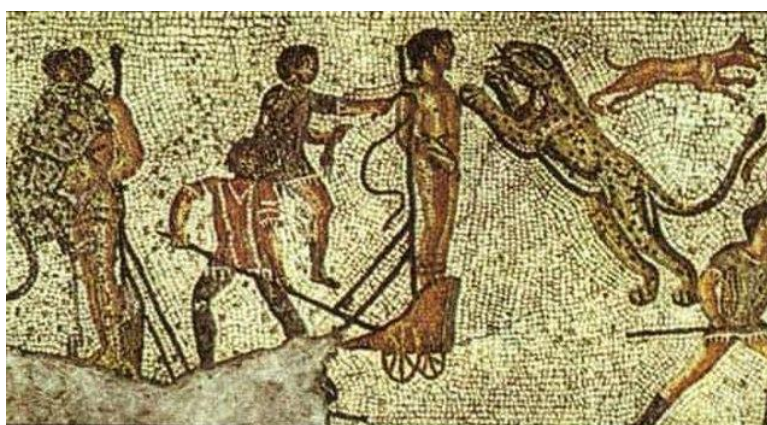


Figura 6: detalhe da execução de dois gármantes.

Fonte: *Wikimedia Commons*. Disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b8/Zliten_leopard.jpg/640px-Zliten_leopard.jpg. Acesso em: 15 jun. 2025.

Para além da representação dos gármantes, a riqueza de detalhes na indumentária dos gladiadores reforça a tese de que o mosaico registra jogos específicos realizados no anfiteatro de Lepcis Magna alguns anos antes, e financiados por seu proprietário, possivelmente um magistrado influente da cidade. Na África romana, ao contrário de outras províncias, os mosaicos de espetáculo são numerosos, e sua presença em ambientes de recepção reforçava o papel social do patrono (TUCK, 2014, p. 443; CAGNAT, 1924, p. 98-100). Ao fazer da memória do evento o tema central da decoração, o *dominus* transmitia aos convivas uma memória de

disciplinados e eficazes. A imagem do gladiador não está ali para provocar repulsa, mas para exaltar a excelência física que tornava o espetáculo digno de ser lembrado (BRITT, 2018, p. 19; COLEMAN, 2019, p. 25-30).

generosidade pública e prestígio cívico que seus descendentes também poderiam usufruir pelos anos seguintes.

Tal tática de preservação do prestígio pela memória não foi um fato isolado de Zliten. No Mosaico de Magério, proveniente de uma *villa* na região de Smirat, representa-se uma *venatione* com leopardos. Em meio ao combate, um texto retrata a aclamação da plateia em relação ao financiador dos jogos: “que as gerações futuras aprendem que é assim que se faz um espetáculo, e que as gerações passadas ouçam que é assim” (ADAMS, 2015, p. 512). A inscrição desse mosaico data do século III e ornava o *triclinium* da *villa* de Magério. Ele demonstra claramente a intenção do *dominus* de que o reconhecimento por seu investimento nos jogos perdure no tempo. Não satisfeito com a linguagem visual, tratou de explicitar em texto seu evergetismo e consequente aclamação pelos que assistiam.

De forma análoga a esse exemplo, a iconografia do suplício garrante cumpriu a função de fabricação de memória, pois, mediante sua contemplação, não só os habitantes da *villa* de Zliten, mas outros membros da elite de Lepcis e seus descendentes poderiam relembrar a vitória sobre os inimigos da *civitas*. Desse modo, se entendermos os “lugares de memória”, tal como conceituado por Pierre Nora (1993), os mosaicos de execução pública de inimigos de guerra podem ser entendidos como instrumentos de uma memória coletiva que reforçava uma identidade compartilhada pela elite de Lepcis Magna.

Considerações finais

Entre as razões para a presença de cenas de execução pública na decoração musiva de *villas* aristocráticas romanas, destaca-se seu papel na construção do prestígio do patrono dos jogos. Mais que representar a violência das arenas, tais imagens reafirmavam a ordem imperial por meio da punição exemplar dos que a desafiavam. Ao inscrevê-las no espaço doméstico, o proprietário celebrava sua generosidade cívica e se apresentava como agente da justiça romana, reforçando sua adesão e utilidade ao império.

No entanto, a ênfase no conflito reforça estereótipos sobre os garrantes e demais povos líbios, obscurecendo aspectos de intercâmbio e integração com os

romanos, além de induzir a uma percepção reduzida sobre suas práticas cotidianas. Essas imagens, enfim, também operam como dispositivos de esquecimento.

Referências

Documentação literária

APULEIUS. *Metamorphoses*: books I-VI. Translated and introduction by J. Arthur Hanson. London: Harvard University, 1989.

ARNOBIUS. *Adversus gentes*. Translated by Archdeacon Hamilton Bryce and Hugh Campbell. In: ROBERTS, A.; DONALDSON, J. (Ed.). *Fathers of the Third Century*: Gregory Thaumaturgus, Dionysius the Great, Julius Africanus, Anatolius and Minor Writers, Methodius, Arnobius. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 2017, p. 1892-2876.

AURELIUS VICTOR. *De Caesaribus*. Translated by H. W. Bird. Liverpool: Liverpool University Press, 1994.

CLAUDIUS PTOLEMY. *Geography*. Translated by Joseph Fischer. New York: Cosimo Classics, 2011.

ESTRABÓN. *Geografía*: libros XV-XVII. Traducción de Juan Luis Garcia Alonso, Maria Paz de Hoz Garcia-Bellido y Sofía torallas Tovar. Madrid: Gredos, 2015.

HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Maria de Fátima Silva e Cristina Abranches Guerreiro. Lisboa: Edições 70, 2001.

JUSTINIAN. *The Digest of Justinian*. Translated and edited by Alan Watson. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2009. v. 4.

PLINY THE ELDER. *Natural history*. Translated by John F. Healy. New York: Penguin Books, 2004.

PLINY THE YOUNGER. *The Letters of Pliny the Younger*. Translated with introduction by Betty Radice. London: Penguin Classics, 1969.

POMPONIUS MELA. *Description of the world*. Translated by E. F. Romer. Michigan: The University of Michigan, 2001.

SILIO ITALICO. *La Guerra Púnica*. Edición de Joaquín Villaba Alvarez. Madrid: Akal, 2005.

TÁCITO. *Anales*. libros I-VI. Traducción de José L. Moralejo. Madrid: Gredos, 2015.

TÁCITO. *Historias*. libros III-V. Traducción de Antonio Ramírez de Verger. Madrid: Gredos, 2013.

Documentação Arqueológica

CAGNAT, R. Une nouvelle mosaïque découverte en Tripolitaine. *Journal des savants*, v. 22, n. 3, p. 97-102, 1924.

INSCRIPTIONS LATINES DE L'ALGERIE. Paris: Librairie ancienne honoré champion, 1922.

INSCRIPTIONS OF ROMAN TRIPOLITANIA. Rome: British School at Rome, 1952.

KENRICK, P. *Libya archaeological guides*: Tripolitania. London: Silphium Books 2009.

LIVERANI, M. *Aghram Nadarif*: a garamantian citadel in the Wadi Tannezzuft. Florence: Society for Libyan Studies, 2006.

MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2003. 1 v.

MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2007. 2 v.

MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2010. 3 v.

MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2013. 4 v.

PARRISH, D. The date of the mosaics from Zliten. *Antiquités Africaines*, v. 21, p. 137-158, 1985.

WILSON, R. J. A. Roman villas in North Africa. In: MARZANO, A.; MÉTRAUX, G. P. R. (Ed.). *The roman villa in the mediterranean basin: Late Republic to the Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 266-307.

Obras de Apoio

BLÁZQUEZ, J. M. "Venationes" y juegos de toros en la Antigüedad. *Zephyrus*, v. 13, p. 1-24, 1962.

BRETT, M. Libya and the Sahara in the history of Africa. In: MATTINGLY, D. et al. *The Libyan desert*. London: Society for Libyan Studies, 2016, p. 271-285.

BRITT, T. M. *Spectacular tropes: representations of the roman arena*. Thesis (Ph.D. in History) - University of Vermont, Burlington, 2018.

COLEMAN, K. Fatal charades: roman executions staged as performances. *The Journal of Roman Studies*, v. 80, p. 44-73, 1990.

COLEMAN, K. M. Defeat in the arena. *Greece and Rome*, v. 66, p. 1-36, 2019.

DAMS, J. N. The latin of the Magerius (Smirat) Mosaic. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 108, p. 509-544, 2015.

DESANGE, J. *Toujours Afrique apporte fait nouveau scripta minora*. Paris: Boccard, 1999.

ENNABLI, A. Entre Afrique du nord antique et Afrique sub-saharienne: un obstacle infranchissable. In: BAZZANA, A.; BOCOUM, H. *Du nord au sud du Sahara*. Paris: Editions Sepia, 2004, p. 23-24.

FENN, T. R. et al. Contacts between West Africa and Roman North Africa: archaeometallurgical results from Kissi, northeastern Burkina Faso. In: MAGNAVITA, S. et al. *Cultural and technological developments in first millennium BC/AD West Africa*. Paris: Africa Magna, 2009, p. 119-146.

GALINSKY, K. Introduction. In: GALINSKY, K. (Ed.). *Memory in Ancient Rome and Early Christianity*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

GIUDICE, C. L. L'impiego degli animali negli spettacoli romani: venatio e damnatio ad bestias. *Arches de Noé*, n. 12, p. 361-395, 2008.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, M. *Os quadros sociais da memória*. Curitiba: Antoniofontoura, 2023.

HUSKINSON, J. Looking for culture, identity and power. In: HUSKINSON, J. (Ed). *Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire*. New York: Routledge, 2000, p. 3-28.

LIMA NETO, B. M. *Bandidos e elites cidadinas na África romana: um estudo sobre a formação de estigmas com base nas Metamorphoses de Apuleio de Madaura (século II)*. Vitória: EDUFES, 2014.

LIMA NETO, B. M. A construção do espaço como estratégia de afirmação política: a romanização da paisagem urbana de Lepcis Magna (sécs. I a.C.-II d.C.). In: LIMA NETO, B. M.; SILVA, E. C. M. da.; SILVA, G. V. da (Org.). *Formas e imagens da Cidade Antiga*. Vitória: Milfontes, 2020, p. 145-172.

LIMA NETO, B. M. *Entre a filosofia e a magia: o caso da estigmatização de Apuleio na África romana (séc. II d.C.)*. Curitiba: Prismas, 2016.

LIVERANI, M. Aghram Nadharif and the southern border of the garamantian kingdom. In: LIVERANI, M. *Arid lands in roman times*. Firenze: Edizioni All'insegna del Giglio, 2003, p. 23-36.

LIVERANI, M. The libyan caravan road in Herodotus IV. *Journal of the Economic and Social History of Orient*, n. 43, p. 496-520, 2000.

MARICHAL, R. Les ostraca de Bu Njem. [Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres](#), n. [123-3](#), p. 436-452, 1979.

MATTINGLY, D. *Between Sahara and sea: Africa in the Roman Empire*. An Arbor: University of Michigan Press, 2023.

MATTINGLY, D. Beyond barbarians: the garamantes of the libyan Saara. In: HITCHNER, R. B. *A Companion to North Africa in Antiquity*. Medford: Tufts University, 2022, p. 64-80.

MATTINGLY, D. et al. Public and domestic architecture of Garama. In: MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2013, p. 287-297.

MATTINGLY, D. From Garama to Jarma. In: MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2013, p. 3-26.

MATTINGLY, D. Historical summary. In: MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2003, p. 75-106.

MATTINGLY, D. The Garamantes and the origins of Saharan trade. In: MATTINGLY, D. et al. *Trade in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 1-50.

MATTINGLY, D. The Garamantes of Fazzan. In: DOWLER, A.; GALVIN, E. R. *Money, trade and trade routes in pre-islamic north Africa*. London: The British Museum Press, 2011, p. 49-60.

MATTINGLY, D. *Tripolitania*. Michigan: The University of Michigan Press, 2005.

MATTINGLY, D. Who shaped Africa? The origins of urbanism and agriculture in Maghreb and Sahara. In: MUGNAI, N.; NIKOLAUS, J.; RAY, N. *De Africa Romaque: merging cultures across North Africa*. London: Society for Libyan Studies, 2016, p. 11-26.

MATTINGLY, D.; HAWTHORNE, J.; DANIELS, C. M. Excavations at the classic garamantian settlement of Saniat Jibril. In: MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2010, p. 123-204.

MATTINGLY, D.; STERRY, M. State formation in the Sahara and Beyond. STERRY, M.; MATTINGLY, D. *Urbanisation and state formation in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020, p. 695-721.

MATTINGLY, D.; STERRY, M. The first towns in the central Sahara. *Antiquity*, n. 87, p. 503-518, 2013.

MATTINGLY, D.; STERRY, M.; THOMAS, D. Jarma in its Saharan context: an urban biography. In: MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2013, p. 505-544.

MATTINGLY, D.; WILSON, A. Concluding thoughts: made in Fazzan? In: MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2010, p. 523-530.

MATTINGLY, D.; WILSON, A. Farming the Sahara: the Garamantian contribution in Southern Libya. In: LIVERANI, M. *Arid lands in roman times*. Roma: Edizioni All'Insegna del Giglio, 2003, p. 37-50.

MATTINGLY, D. et al. Garamantian oasis settlements in Fazzan. In: STERRY, M.; MATTINGLY, D. *Urbanisation and state formation in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020, p. 52-111.

NG, D. Y. Monuments, memory and status recognition in Roman Asia Minor. In: GALINSKY, K. (Ed.). *Memory in Ancient Rome and Early Christianity*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, J. C. M. de. O forte romano de Gholaiia (Bu Njem). Exército, sociedade e cultura na Tripolitânia romana. In: FUNARI, P. P. et al. *História militar do Mundo Antigo: guerras e culturas*. São Paulo: Annablume, 2012, p. 173-196.

OLIVEIRA, J. C. M. *Sociedade e cultura na África romana*. São Paulo: Intermeios, 2020.

PICARD, G. La villa du Taureau à Silin (Tripolitaine). *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, v. 129, n. 1, p. 227-241, 1985.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCHEELE, J. The need for nomads. In: MATTINGLY, D. et al. *Trade in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 54-78.

THÉBERT, Y. Vida privada e arquitetura doméstica na África Romana. In: VEYNE, P. (Org.). *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 285-402. v. 1.

TUCK, S. L. Representations of spectacle and sport in Roman Art. In: CHRISTESEN, P.; KYLE, D. G. (Ed.). *A Companion to Sport and Spectacle in Greek and Roman Antiquity*. Oxford: John Wiley, 2014. p. 422-437.

VAAN, M. de. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leiden: Brill, 2008. v. 7.

WALAS, A. H. New perspectives on the roman military base at Bu Njem. *Libyan Studies*, n. 53, p. 48-60, 2022.

WALKER, S. Nymphaeum. *Oxford Classical Dictionary*, 7 mar. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199381135.013.4483>. Acesso em: 07 jul. 2025.

WILSON, A. Saharan trade: short, medium and long-distance trade networks in the roman period. *Azania*, n. 47, p. 409-449, 2012.